



Reitor liga crise da USP a quadro ‘inflado’ de técnicos

Para Zago, houve ‘erro de gestão’ ao contratar funcionários não docentes

Dirigente fazia parte da administração anterior, que elevou em 13% a quantidade de servidores da escola

FÁBIO TAKAHASHI
DE SÃO PAULO

O reitor da USP, Marco Antonio Zago, afirmou nesta sexta-feira (15) que uma das principais causas da atual crise financeira da escola foi um “erro de gestão” que “inflou” a quantidade de funcionários não docentes em vez de priorizar os que dão as aulas.

O contingente desses servidores que não são professores cresceu 13% entre 2010 e 2013 e houve política de reajuste salarial específica —no novo plano de carreira. O número de alunos subiu 5%.

“[A crise] é resultado de um comprometimento exagerado com folha de pagamento. Foram contratados 2.400 funcionários e apenas 390 professores. E os vencimentos dos servidores aumentaram

80%”, afirmou Zago, em entrevista à **Folha** e à TV Globo.

Desde 2013, os gastos com folha de pagamento superam a totalidade do orçamento da universidade, que deve receber R\$ 5 bilhões do Estado em 2014. Assim, a instituição tem sido obrigada a usar reservas.

Funcionários e professores da universidade estão em greve desde 27 de maio.

O reitor apresentou algumas propostas nesta sexta com a justificativa de conter a crise financeira da instituição, após ser reunir com diretores (leia na pág. C3).

Com as declarações, Zago faz crítica indireta ao antecessor, João Grandino Rodas, de quem foi pró-reitor de pesquisa. Questionado, disse que as informações que membros da reitoria tinham não apontavam para tal déficit.

Rodas defendia a valorização do quadro de servidores. Ele e dirigentes do sindicato dos funcionários não foram localizados para comentar as declarações do atual reitor.

Segundo Zago, há um “quadro inflado” do número de servidores —próximo de 17 mil para 90 mil alunos, ou 5,3 por estudante.

“É uma taxa muito acima do que se pratica nas principais universidades [no Reino Unido são 15 para 1, mas na UFRJ, 5,5]. Não estou questionando o valor desses servidores. Muitos são excelentes. Mas trata-se do fato de que a universidade não tem recurso para manter o quadro. Precisamos reduzir”, disse ele.

Sobre o número de professores, ele diz que há “um déficit” e que esse quadro precisaria aumentar, embora não haja condições no momento.

O reitor considera que as atuais dificuldades da USP poderão ter reflexo a “longo prazo” no desempenho da instituição em rankings de qualidade pelo mundo.

“Paramos a contratação de docentes. Se for um ano, não é ruim. Mas se for dois, três anos, pode ter reflexos negativos na estrutura dos grupos de pesquisa, desestruturar o ensino de graduação.”

USP prevê 2.800 demissões voluntárias

Proposta abrange os funcionários não docentes com idades entre 55 e 67 anos e com mais de 20 anos de carreira

Plano que propõe ainda venda de imóveis e transferência de hospitais depende de aprovação de conselho

DE SÃO PAULO

O novo plano de contingência feito pela USP prevê programa de demissão voluntária para funcionários mais experientes, transferências de hospitais para o Estado e alienação (venda) de imóveis.

As medidas foram definidas nesta sexta-feira (15) após o reitor, Marco Antonio Zago, se reunir com diretores das faculdades. As alterações ainda terão de ser validadas pelo Conselho Universitário.

No caso do programa de demissão voluntária, a expectativa é que abranja 2.800 dos 17.500 funcionários não docentes, com idade entre 55 e 67 anos e mais de 20 anos de carreira. Eles terão vantagens como indenização de um sa-

lário a cada ano trabalhado (até o limite de R\$ 400 mil).

Caso a medida seja efetivada, Zago afirma que haverá diminuição de 6,5% das despesas com folha de pagamento até 2016 (hoje a instituição usa 106% do orçamento para pagar pessoal).

O reitor disse que se os cortes forem confirmados haverá "condição para a universi-

dade fazer negociações salariais pelo menos com correção da inflação". Até o momento, não há proposta de reajuste salarial para 2014.

Após a **Folha** divulgar na quinta-feira a intenção do reitor em reduzir o quadro de servidores, o sindicato dos funcionários disse que isso vai "destruir" a USP, pois já há setores com carência.

Ainda em relação aos funcionários, a reitoria pretende colocar um plano de redução de jornada para os servidores que se interessarem.

Outra proposta que o reitor pretende implementar é a transferência para o Estado do Hospital Universitário (Cidade Universitária) e do Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais (Bauru).

Segundo Zago, não haveria prejuízos acadêmicos, porque as atividades com os estudantes da universidade seguiriam inalteradas.

O que mudaria é que a instituição não precisaria mais gastar com manutenção das estruturas nem com recomposição de funcionários.

A universidade não enviou à **Folha** as informações deta-

lhadas pedidas sobre os gastos com esses hospitais.

O reitor diz esperar o aval do Conselho Universitário para começar a negociar formalmente com o governo.

Outra medida proposta é a de alienar (vender) imóveis ou salas que a USP adquiriu durante a gestão anterior. Encaixa-se nesse perfil um prédio na rua da Consolação.